

O SERVIÇO DE EXTENSÃO CULTURAL E A REVISTA ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Almery Bezerra de Mello

Fui, sim, sem querer e quase sem saber, indicado pelos colegas do SEC (Serviço de Extensão Cultural) da então Universidade do Recife, tempo depois UFPE, para coordenar a equipe formada em torno de Paulo Freire que soube reunir jovens (e menos jovens) provenientes dos mais diferentes horizontes, em torno de uma proposta: orientar a Universidade para prestar mais atenção às necessidades da sociedade do entorno do que àquelas do “interior” da própria Universidade...

Paulo Freire, com a compreensão do Reitor João Alfredo, abriu um espaço para os que viram desenhados os caminhos para muitas ousadias: criar uma Rádio Universitária, uma Revista de Estudos Universitários, um núcleo de pesquisa e experimentação de educação de adultos e particularmente de alfabetização de adultos.

E ainda, incentivou e colaborou na visão de um espírito ecumênico que permitiu a convergência de forças cujas motivações podiam ser as mais diversas, desde que o objetivo fosse o mesmo: criação de uma sociedade brasileira cada vez mais democrática.

Foi neste contexto que o SEC assumiu, entre outros, um papel muito especial: fazer face ao problema do analfabetismo dos adultos.

Foi um apelo ao qual responderam os mais variados atores: professores, movimentos estudantis, Ligas Camponesas, sindicatos, associações de moradores...

Dos primeiros experimentos do que mais tarde – e, aliás, muito rapidamente – se destacou o que se chamou de “método de alfabetização de adultos em 40 horas”. Esta foi a manchete, formulada e repetida por diversos jornais, o que surpreendeu o “lado de cá” (a esquerda) e logo amedrontou o “lado de lá” (a direita) – era assim que os do lado de cá apelidávamos os do lado de lá...)

No dia 1 de abril de 1964 eu estava no Rio de Janeiro vindo de um encontro da Ação Popular realizado em Belo Horizonte. As ameaças de golpe eram cada vez mais insistentes. O Governador, Dr. Miguel Arraes, voltou do comício dos marinheiros, no Rio de Janeiro, certo de que se preparava o golpe e que não haveria condições de resistência. O general Murici “mui amigo” me fez uma inesperada visita, às 7 horas da manhã, para me aconselhar a afastar-me das atividades que me punham em certa evidência: mantinha uma meia página no Jornal “Última Hora”; era assistente da JUC e respondia pelo SEC – Serviço de Extensão Universitária da Universidade do Recife.

Entre as muitas iniciativas do SEC, destacavam-se a edição da Revista de Estudos Universitários, a Instalação da rádio Universitária e particularmente a difusão e assistência técnica aos “Círculos de Cultura” que desenvolviam a alfabetização de adultos segundo “Método Paulo Freire”.

O fogo sobre o SEC começou cedo e bem nutrido. Esta de “alfabetizar adultos em 40 horas” foi logo entendido como uma ameaça de introdução de milhares e milhões de novos eleitores que pela “ natureza do método” eram induzidos a votar à esquerda. Analfabeto não votava...

“Não pode!” explicou-me o Coronel/Governador do Ceará que mandara me convidar ao palácio para explicar-lhe o que estaria eu a fazer em Fortaleza a convite dos movimentos estudantis. Ouvindo o que lhe dissera sobre o que os estudantes queriam saber: “como alfabetizar adultos em quarenta horas”, retorquiu sem vacilar e muito brandamente: “aqui não pode! Nós tivemos muito trabalho e levamos muito tempo para equilibrar o tabuleiro das forças políticas do estado e não posso permitir que isto seja ameaçado “em quarenta horas!”

A Revista Estudos Universitários foi alvo de um ataque mais frontal e com o peso do nome de Dr. Gilberto Freyre cuja fotografia publicada pela Revista lhe pareceu feia e distorcida propositalmente e que, segundo ele, só poderia ser arte de comunistas infiltrados no SEC.

O Coronel que me interrogou na Comissão de Inquérito instaurada para examinar a situação do SEC quis saber quais providências havia eu tomado diante das advertências do Dr. Gilberto Freyre. A minha resposta, negando a competência do professor para enquadrar a Revista, foi dada em latim e provocou a inevitável irritação do Coronel.

As denúncias do Dr. Gilberto Freyre continuaram em série de artigos publicados no Jornal do Comércio e no Diário de Pernambuco. Quase todos os colegas do SEC foram interrogados e presos, a começar por Luiz da Costa Lima, o primeiro responsável pela Revista.

O meu exílio foi solicitado pelos militares, tendo à frente os generais Justino Alves e Murici, a Dom Helder, sobre o pretexto de que não havia mais condições de garantia de minha vida. E lá me fui eu “para além dos verdes mares” a preparar um doutorado e a difundir o Sistema Paulo Freire de Educação de Adultos entre os militantes dos movimentos de libertação das então colônias portuguesas assim como de ONGs e algumas entidades do governo argelino.

Da convivência com exilados brasileiros mundo afora, recolhi as lembranças dos “dias de sol”, publicadas, sob forma de crônicas, pela Editora Massangana em 2007 com o título “PARA ALÉM DOS VERDES MARES”. Só recentemente fui informado através das “Circulares Interconciliares” (Volume II, Tomo I, p. 200) que as autoridades, segundo confissão do General Murici a Dom Hélder Câmara no dia 5 de maio de 1964 “desistiram de intimar o Pe. Almeri... a regressar ao Brasil entregando-se à prisão para interrogatório”. O meu substituto na assessoria da JUC não chegou a ser intimado: foi sequestrado, torturado e assassinado. Chamava-se Pe. Henrique. Vimo-nos pouco antes da sua morte em um Seminário latino-americano de assessores eclesiais dos movimentos estudantis católicos, realizado na capital do Paraguai. Deste encontro um relatório final foi escrito por mim e publicado em Montevideu sob o título de “América Latina: protesta estudantil y fe cristiana”.